

**A NATUREZA DA VACUIDADE
A LEITURA DO *PRAJNĀ PĀRAMITĀ* A PARTIR DE *O
ORNAMENTO DA CLARA REALIZAÇÃO DO BUDA MAITREYA***

**THE NATURE OF EMPTINESS
PRAJNA PARAMITA A READING FROM *THE ORNAMENT OF
CLEAR MEETING THE BUDDHA MAITREYA***

Deyve Redyson
Universidade Federal da Paraíba

Resumo: Dentro do Budismo Mahayana o *Prajnaparamita* é uma das realidades mais fundamentais do conhecer do Buda. Na literatura *Prajnaparamita* existe o mantra da perfeição da sabedoria que envolve o conhecimento e a noção da existência das coisas. No texto *O Ornamento da clara realização* atribuído ao Buda vindouro, o Buda Maitreya existe uma leitura desta literatura que se aprofunda dentro da sabedoria do bodhisatva para a compreensão da lucidez.

Palavras-Chave: Prajnaparamita, Sabedoria, Ornamento da sabedoria, Budismo

Abstract: Within the Mahayana *Prajnaparamita* is one of the most fundamental realities of knowing the Buddha. In literature there *Prajnaparamita* mantra of the perfection of wisdom and knowledge surrounding the notion of the existence of things. The ornaments in clear text achievement attributed to the Buddha to come, Maitreya Buddha is a reading of this literature that delves into the bodhisattva of wisdom for understanding lucidity.

Key-words: Prajnaparamita, Wisdom, Ornament wisdom, Buddhism

O primeiro giro da roda do Dharma representa a consolidação dos aspectos encontrados pelo Buda Shakyamuni durante a iluminação. No *Dhammacakkapavattana Sutta* [SN LVI,11] (Colocando a roda do Dharma em movimento) o Buda de nossa era expõe os fundamentos da doutrina búdica em seu primeiro sermão no parque das Gazelas em Isipatana. Neste Sutra encontramos as quatro nobres verdades: O Sofrimento; A Origem do Sofrimento, A Cessação do Sofrimento e A Via que leva a cessação do Sofrimento, demonstrando a impermanência das coisas, de que tudo que há é impermanente, insubstanciável e insatisfatório (sofrimento). No *Anattalakkhana Sutta* [SN XXII, 59] (As

Características do Não-Eu) o Buda Shakyamuni apresenta em Benares os cinco agregados da existência (*skandhas*) que colaboram com a visualização da impermanência das coisas, assim, forma, sensação, percepção, formações e consciência são vazios por natureza. Já no *Adittapariyaya Sutta* [SN XXXV, 28] (O Discurso do fogo) Shakyamuni em Gaya nos mostra as faculdades sensoriais que levam o homem ao apego e que somente a refutação a estas faculdades nos transporta ao desapego, são elas: o olho, o ouvido, o nariz, a língua, o corpo e por fim a mente, isto é o *todo* está em chamas.

As quatro nobres verdades, os cinco agregados da existência e as seis

faculdades sensoriais se revelam também no que o Buda Shakyamuni chamou de *originação interdependente* no *Mahanidana Sutta* [DN, 15] (O Grande discurso da origem dependente) onde surgem os doze elo: ignorância, disposições cármicas, consciência, nome e forma, bases sensoriais, contato, sensação, sede, apego, vir-a-ser, Nascimento e envelhecimento e morte.

O segundo giro da roda do Dharma se apresenta partindo dos ensinamentos *Prajnaparamita* é circunda a explanação da vacuidade e o terceiro giro a composição dos sutras *Avantamsaka* e *Samdhinirmocana*.

Goldstein nos esclarece: “A estrutura desses três giros se tornou, em si, uma fonte de desacordo entre as tradições. Os adeptos do Theravada rejeitam em geral a ideia de que os ensinamentos “desenvolveram-se” a partir daqueles que o Buda histórico transmitiu originalmente e consideram as pregações posteriores – a ideia de novos giros – simplesmente como criações das escolas filosóficas em surgimento. Por outro lado, os praticantes do Mahayana e Vajrayana consideram fundamentais os ensinamentos originais do primeiro giro, mas incompletos, e acham que só por meio das manifestações mais místicas da natureza do Buda chegamos a entender inteiramente a realidade”. Partimos agora para nossa interpretação dentro das cercanias do segundo giro da roda do Dharma que concerne ao *Prajnaparamita*, sob a leitura de um dos textos tibetanos bem difundidos, o *Abhisamayalankara* (O Ornamento da Clara Realização). Mais primeiro o que é *Prajnaparamita*?

O que é *Prajnaparamita*?

O budismo mahayana é praticamente *prajñā pāramitā*. O *prajñā pāramitā* é recitado em todos os centros mahayana, é o sutra da essência de

perfeição da sabedoria. Provavelmente o mais antigo de todos fora composto no primeiro século da idade cristã e a partir de então diversas outras versões foram sendo criadas. O sutra varia de tamanho, o mais extenso tem cem mil versos e o mais curto oito mil versos, foi proferido pelo próprio Buda, na montanha do pico dos abutres com aproximadamente 57 anos de idade, nele o Buda apresenta sua visão última sobre a natureza da realidade e por isso tornou-se um sutra supremo. No sutra existe uma certa dificuldade de compreensão por que ele tratar do tema da vacuidade e da forma com a qual esta vacuidade leva a iluminação. Nas escolas tibetanas o sutra *prajñā pāramitā* é compreendido como o sutra de grande importância, pois traz a realidade da iluminação à existência humana. “Os sutras *perfeição da sabedoria* explicam todas as etapas do caminho da sabedoria e do método que, juntos, constituem os meios para atingirmos a plena iluminação, ou budeidade”¹. Nas escolas mahayana quando a perfeição da sabedoria do Buda se manifesta fisicamente, esta manifestação é *prajñā pāramitā*.

Antes da análise do texto encontramos o título e a homenagem que nos remetem a densidade do que será apresentado adiante. A tradução, talvez não a mais correta, do sutra seria *Essência da perfeição de sabedoria, a Mãe abençoada*. O texto tibetano, que aqui utilizamos, inicia com o título em sânscrito:

Bhagavatiprajnaparamitahrdaya e depois em tibetano: *Chom dām dā ma she rab kyi pa röl tu jin pai nying po*. O motivo de na tradução tibetana vir primeiro o título em sânscrito demonstra que este texto não é uma criação tibetana e sim um ensinamento do próprio Buda Shakyamuni, apesar

¹ GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005, p. 1-2.

dele apenas dizer uma palavra em todo o sutra. A expressão *perfeição de sabedoria* (*she rab kyi pa röl tu jin pai*) diz de uma sabedoria que passou para um outro lado, isto é, uma sabedoria transmitida que se revela como autêntica. A palavra *essência* também tem sua significação, pois com esta palavra diz que o que vai ser relatado é a essência, isto é, o significado essencial dos sutras mais longos. A última expressão, em tibetano *Chom dän dä ma* poderá ser traduzida como *Mãe abençoada*. O sutra foi chamado de mãe porque é assim que a perfeição de sabedoria nele revelada costuma ser conhecida².

Os primeiros elementos do sutra permeiam a direção na qual ele fora indicado. Será Ananda quem inicia o texto com o *Assim eu escutei*, depois nos é informado a época, o lugar e para quem foi falado. Recebemos também a informação de que Avalokiteshvara recebeu o título de *bodhisatva-mahasatva* (grande-ser) e ele contempla os cinco agregados que são vazios de existência inerente. Assim o sutra inicia com quatro grandes proposições, a saber: a pergunta de Shariputra, a resposta de Avalokiteshvara, a aprovação do Buda e finalmente os seguidores alegrando-se com o ensinamento e com a comunidade.

Pelo poder do Buda, que ouvia mediante sua meditação, Shariputra interroga o *bodhisatva-mahasatva* sobre como se deve treinar o filho ou filha de uma linhagem para que este possa se engajar no perfeito caminho da sabedoria. Aqui a expressão *linhagem* significa aqueles que aceitaram o mahayana. Gyatso assim coloca o significado da pergunta de Shariputra: “A pergunta de Shariputra tem, portanto, o seguinte significado: Como deve treinar uma pessoa que desenvolveu grande compaixão, se ele,

ou ela, deseja engajar-se na prática da vacuidade?”³. A resposta de Avalokiteshvara é de que o praticante deve observar que são vacuidades todos os cinco agregados e que tudo que pensemos está dentro destes cinco agregados e portanto são vazios. Os praticantes desejosos de desenvolver a perfeição da sabedoria devem meditar sobre a vacuidade de existência inerente dos cinco agregados.

O primeiro dos cinco agregados é a *forma*, seguido da *sensação*, *percepção*, *formação mental* e *consciência*. “A primeira profundidade é a vacuidade de existência inerente dos fenômenos. Denomina-se profundidade porque a vacuidade é um tópico profundo, difícil de ser compreendido e sua realização conduz à profunda aquisição da completa libertação do sofrimento. Denomina-se profundidade do último porque a vacuidade é a natureza última dos fenômenos”⁴. Todos os fenômenos que podemos perceber, sentir ou mesmo fazer/realizar estão dentro do universo da impermanência e, portanto estão no universo da vacuidade, assim forma é vazio e vazio é forma, também o é para os outros agregados da existência, isto é, sensação é vazio, vazio é sensação; percepção é vazio, vazio é percepção; formação mental é vazio, vazio é formação mental e consciência é vazio, vazio é consciência. Nada há de permanente, nada há de satisfatório e nada há de substancial. Todos os dharmas são vacuidades. “A vacuidade é uma verdade porque seu modo de aparecer a um percebedor direto não-

² GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*, p. 6.

³ GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005, p. 16.

⁴ GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005, p. 26.

conceitual está de acordo com seu modo de existência”⁵.

A lista de elementos e disposições inumeradas por Avalokishtevara permeiam a noção de que a vacuidade não tem forma, dessa forma não há olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente, não há aparência, som, cheiro, sabor, tato e objetos da mente, não há elementos de consciência relacionados aos olhos e a demais sentidos físicos, também não há ignorância, nem extinção da ignorância, nem velhice, nem morte. Finalmente, no discurso de Avalokishtevara, surge um momento complexo: não há sofrimento, não há origem do sofrimento, não há cessação do sofrimento, nem caminho, nem sabedoria, nem realização nem não realização. No caminho da perfeição da sabedoria não há lugar para o sofrimento, as quatro nobres verdades, a realização do ser está em sua máxima compreensão, isto é, que o estado em que se está não é o mesmo estado de quem não alcançou esta perfeição. No comentário de Gyatso a explicação para esta possível contradição é a seguinte: “Essas palavras poderiam ser interpretadas como um indicador de que nenhuma das quatro nobres verdades aparece à excelsa percepção do equilíbrio meditativo de um ser superior. Isso nos levaria a uma contradição, pois as verdadeiras cessações são verdades últimas e, portanto, podem aparecer a essa excelsa percepção. Evitaremos tal contradição se interpretarmos a palavra *cessação* como a mera cessação dos verdadeiros sofrimentos e das verdadeiras origens. Dessa maneira, cessação não estaria se referindo à verdadeira cessação que é uma verdade última, mas sim a uma cessação que é uma verdade convencional e que, portanto à excelsa percepção do equilíbrio meditativo de

um ser superior”⁶. Com isso as palavras Avalokiteshvara ensinam que a sabedoria de um ser supremo que realiza a vacuidade também é vazia, por isso, no trecho seguinte o *bodhisatva-marasatva* insiste em dizer que os que depositam no *prajñā pāramitā* sua confiança repousam completamente na iluminação perfeita e insuperável.

O mantra que será iniciado é um mantra, segundo Avalokiteshvara, perfeito, insuperável e que deve ser reconhecido como verdadeiro. O mantra do *prajñā pāramitā* é recitado assim: TADYATHA OM GATE GATE PARAGATE PARASAMGATE BODHI SVAHA. “Só quem tiver elevadas aptidões será capaz de entender de entender como atingir e praticar os cinco caminhos simplesmente ouvindo as palavras do mantra”⁷.

Tadyatha significa *assim*, diz que os praticantes do mahayana irão praticar *assim* como segue. Em seguida surge a sigla OM, composto de três letras sânscritas A, U, M, que representariam corpo, fala e mente. Depois o primeiro *gate* significa *ir*, não um ir a algum lugar e sim um *ir* no sentido bodhisatva, o segundo *gate*, que também significa *ir*, contém um sentido de avançar no caminho mahayana. *Paragate* significa *ir perfeitamente* e ensina que não devemos permanecer indefinidos no caminho, “A palavra perfeitamente indica que estamos indo para um caminho superior que ultrapassa todos os caminhos comuns”⁸. *Parasamgate* significa *ir perfeita e completamente*, que indica a saída da obstrução qualquer que possa surgir na

⁵ GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005, p. 48.

⁶ GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005, p. 114.

⁷ GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005, p. 125.

⁸ GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005, p. 128.

decisão de tomar o caminho verdadeiro, isto é, o caminho da prática da meditação completa. *Bodhi* significa *iluminação* que se consagra como etapa do caminho, etapa necessária do caminho e finalmente *Svaha* que significa *construir o fundamento*, que nos transporta a ideia de que deve se construir uma base firme e forte para a compreensão e ao mesmo tempo a fertilização dos fundamentos da iluminação e da budeidade. Segundo Gyatso: “Este mantra ensina como praticar a perfeição da sabedoria, ou seja, como praticar os cinco caminhos mahayana. Qualquer um que queria atingir a grande iluminação deve praticar até o fim esses caminhos de modo gradual e sucessivo”⁹.

O momento final do *prajñā pāramitā* é a certeza do ensinamento dado por Avalokiteshvara pelo próprio Buda. Após a afirmação de que o *bodhisatva-mahasatva* deve treinar-se neste caminho o Buda retornou de sua meditação, o sutra diz: *o Buda louvou o nobre Avalokiteshvara, dizendo muito bom, muito bom, oh filho de nobres qualidades, assim é, assim é, é exatamente como ensinou, deve-se praticar o profundo prajñā pāramitā*. Este trecho deixa claro que a missão de um bodhisatva é a realização em todos os seres, isto é, este enviado deve procurar beneficiar todos os seres, assim alcançará o *prajñā pāramitā*. O sutra se encerra com as palavras de alegria da comunidade, assim interpreta Gyatso: “Como resultado de ouvir o sutra, todos esses seres ficaram imensamente contentes, louvaram o que foi dito e adotaram com sinceridade os ensinamentos”¹⁰.

⁹ GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005, p. 128-129.

¹⁰ GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005, p. 135.

O *Abhisamayalankara* (O Ornamento da Clara Realização)

O *Abhisamayalankara* (O Ornamento da Clara Realização) é um texto que provavelmente foi escrito por Arya Asanga ainda no quarto século da idade cristã sob a inspiração direta do Buda Maitreya, chamado por muitos como *O Buda vindouro*. Este tratado é um *shastra* bastante conciso sobre o ensinamento de *Prajnaparamita* e descreve o cerne que o toca já se demonstrando em sua *homenagem*¹¹:

Homenagem

Em me prostro perante todos os Budas e bodisatvas

Ela é aquela que – através do conhecimento todo-abarcante – guia os ouvidos que buscam a paz e encontrarão a paz suprema

Ela é aquela que – através do conhecimento do caminho – habilita aqueles que promovem o benefício dos seres a realizarem o bem-estar do mundo

Desde que sejam perfeitamente dotados d’Ela, os sábios proclamam essa variedade dotada de todos os aspectos
Eu me prostro perante Ela – A Mãe dos Budas, bem como à assembleia de ouvintes e bodisatvas

A visualização de *prajñā pāramitā* será através da identidade do Buda e de seu coração, assim se vê *prajñā pāramitā* como uma *Grande Mãe* que conduz o caminho para a perfeição da sabedoria. A imagem de *prajñā pāramitā* é a corporificação do corpo verdade de todos os Budas. Ela tem um corpo feito de luz dourada, uma face e quatro braços. Sua primeira mão direita segura uma vajra dourado com

¹¹ RIMPOCHÊ, Kenchen Thrangu. *O Ornamento da clara realização*. Porto Alegre. Bodigaya. 2009, p. 11. Tradução de Lisane Goldmeier Tochetto e Karma Sherab Tharchin.

nove pontas em cada extremidade, na primeira mão esquerda ela segura o sutra da perfeição da sabedoria. As outras duas mãos repousam sob seu colo, no mudra de equilíbrio meditativo. Esta sentada na postura vajra e é coberta por diversos mantos e tecidos ornados¹².



Os diz Rimpochê em seu comentário: “A mãe dos Budas é a perfeita sabedoria, porque esta sabedoria suprema, finalmente, conduzirá a budeidade. Sem a sabedoria de prajna, uma pessoa não pode tornar-se um Buda”¹³.

Na exposição direta da vacuidade o Buda Maitreya nos ensina que os caminhos e os níveis de bodisatvas se representam em oito esferas ou tópicos. Estes oito tópicos podem ser divididos em três grandes seções, a saber: na primeira seção encontramos os três tópicos relacionados com a sustentação da realidade, na segunda seção surge as quatro aplicações e por fim na terceira seção um único tópico que descreve a fruição da prática, isto é a realização do *Darmakaya*.

¹² Cf estas referências em GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de Sabedoria*, p. 152.

¹³ RIMPOCHÊ, Kenchen Thrangu. *O Ornamento da clara realização*. Porto Alegre. Bodigaya. 2009, p. 11.

Os oito tópicos

A perfeição do conhecimento

É totalmente explicada através de oito tópicos

O conhecimento de todos os aspectos, o conhecimento do caminho

E, então, o conhecimento todo-abarcante

A realização completamente perfeita de todos os aspectos

A culminação final, o gradualismo, A completa e verdadeira iluminação em um instante

Bem como o Corpo do Dharma, são os oitos aspectos

O primeiro tópico apresenta a forma mais elevada de conhecimento (*Jnana*) que é o conhecimento de todos os fenômenos que todos os Budas possuem. Essa esfericidade de conhecimento se dá em dois tipos de conhecimento, o *jnana* da natureza dos fenômenos e o *jnana* da variedade do fenômenos formando assim a *sabedoria e o conhecimento de todos os fenômenos*. Já no segundo tópico apresenta-se o conhecimento do caminho que leva a sabedoria aos Budas, isto é, o caminho que deve ao longo do tempo ir crescendo dentro da mente do bodisatva. O terceiro tópico é a explicação da base do *prajna* de onde emergirá a sabedoria dos bodisatvas. Este tópico trata principalmente do estudo da sabedoria dos seres humanos. No quarto tópico encontramos a aplicação desses tipos de conhecimento no caminho passo a passo, uma discussão sobre o início da prática.

No quinto tópico é descrito o resultado dos estágios da prática do bodisatva e no sexto surge o nível de progressão do estágio em direção ao caminho. O sétimo tópicos demonstra como, partindo desta aplicação gradual, os seres compreendem a prática por intermédio do *samadhi vajra* (caminho

do diamante) onde tudo que até aqui foi visto torna-se uma única coisa, isto é, a sabedoria em sua própria realidade. Finalmente o oitavo tópico trata exclusivamente de *Darmakaya*: o corpo de vacuidade do Buda que sem nenhum tipo de restrições permite a manifestação dos outros dois corpos da forma do Buda *Sambogakaya* e *Nirmanakaya*. *Sambogakaya* como *corpo do deleite* do Buda, uma emanção contínua de formas puras que manifesta a liberdade e *Nirmanakaya* como *corpo da compaixão* do Buda que incessantemente surge para beneficiar todos os seres.



Segundo Rimpoché: “A forma sambogakaya, a qual se manifesta para os bodisatvas, é o resultado de todos os trabalhos precedentes do Buda durante o caminho da buditudo. Nessa longa evolução antes de alcançar a buditudo, em várias vidas, o ser que estava para se tornar um Buda desenvolveu uma motivação muito pura e nobre. Ele ou ela realizou tanta virtude e uma tão profunda e vasta atividade, em suas vidas prévias, que pode manifestar a magnificente forma do sambogakaya”¹⁴

Juntamente com a doutrina das *kayas* está a doutrina dos *dhyani Budas*. Os cinco *Dhyani Budas* estão atrelados aos cinco elementos cósmicos ou *Skandhas*: forma, percepção, sensação, disposições mentais e consciência. São os budas meditativos que se apresentam através das cores. Os *Dhyani Budas* estão relacionados as corporificações de elementos primordiais. Os cinco Budas *Dhyani* (A palavra *Dhyani* vem do sânscrito e significa *meditação*) são conhecidos como os *jinás* (conquistadores ou vitoriosos) que não precisam passar pelo estágio de Bodhisattva para alcançar a iluminação. Os cinco são: *Vairocana* (Branco), *Akshobhya* (azul), *Amitayus* (vermelho), *Amoghasiddhi* (verde) e *Ratnasambhava* (amarelo)¹⁵. Os cinco *Dhyani Budas* são representados por símbolos que envolve todos os ensinamentos do Buda. Assim nos informa o XIV Dalai Lama: “Nos budismos Mahayana e Vajrayana, são os Cinco Vitoriosos ou Conquistadores; servem como arquétipos para muitas práticas devocionais e meditativos. Eles não são personagens históricos, mas seres transcendentais que simbolizam as forças das Cinco Sabedorias Primordiais, ou os cinco aspectos do estado desperto atemporal. *Ratnasambhava*, Nascido da Jóia ou Origem da Jóia – personifica a sabedoria primordial da equanimidade, que vê todos os fenômenos com imparcialidade e reconhece a natureza búdica de todos os seres; por isso essa sabedoria transmuta o veneno do orgulho e da avareza. Seu símbolo é a Jóia, a jóia que realiza todos os desejos, fazendo uma alusão ao Buda, ao Dharma e à Sangha, as Três Jóias do

¹⁴ RIMPOCHÊ, Kenchen Thrangu. *O Ornamento da clara realização*. Porto Alegre. Bodigaya. 2009, p. 163-164.

¹⁵ Cf. GARD, Richard. *Budismo*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1964, p. 66-68 e PERCHERON, Maurice. *O Buda e o budismo*. São Paulo. Agir. 1958, p. 138-140.

budismo. *Akshobhya*, o Inabalável – personifica a sabedoria primordial que é como o espelho, a sabedoria que reflete todas as coisas e revela sua verdadeira natureza, a sabedoria que transmuta o veneno do ódio e da raiva. Seu símbolo é o Vajra, que representa a iluminação, a natureza pura e adamantina da mente, a essência da realidade. *Vairochana*, Aquele que é como o Sol ou o Radiante – representa a integração ou a origem dos cinco dhyani-budas. Ele personifica a sabedoria primordial do espaço dos fenômenos, da perfeição da realidade, do dharmadhatu, o Reino da Verdade, onde todas as coisas existem como realmente são. Seu símbolo é o dharmachakra, a Roda do Dharma, que representa os ensinamentos do Buda Shakyamuni. *Amitabha*, Luz Infinita – personifica a sabedoria primordial discriminadora, que discerne todos os seres sencientes e que reconhece a expressão individual de cada um. Seu símbolo é o lótus, que representa a compaixão, a pureza, a natureza verdadeira. *Amoghasiddhi*, o Conquistador Onipotente ou Aquele que Atingiu Infalivelmente a sua Meta – personifica a sabedoria primordial que tudo realiza, a sabedoria da ação perfeita, dos julgamentos infalíveis e da perseverança, a sabedoria que transmuta o veneno da inveja. Seu símbolo é Vishva-vajra, que representa a compreensão da verdade e do poder do Buda¹⁶.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DALAI LAMA. *O Despertar da visão da sabedoria*. Brasília. Teosófica, 1999.

_____. *O Livro de Ouro da Felicidade*. Rio de Janeiro. Agir/Ediouro. 2003.

_____. *A Essência do Sutra do Coração*. São Paulo. Gaia. 2006.

GARD, Richard. *Budismo*, Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1964.

GYATSO, Geshe Kelsang. *Coração de sabedoria*. São Paulo. Tharpa Brasil, 2005.

PERCHERON, Maurice. *O Buda e o budismo*. São Paulo. Agir. 1958.

REDYSON, Deyve. *Schopenhauer e o Budismo*. João Pessoa. Ed. Universitária/Ideia. 2012.

RIMPOCHÊ, Kenchen Thrangu. *O Ornamento da clara realização*. Porto Alegre. Bodigaya. 2009.

TARTHANG TULKU (Org.) *Introdução ao Caminho da Diamante*. São Paulo. Editora Dharma. 2006.

T'NA HSU, Master. *The Prajna Paramita Heart Sutra*. Taipei. The Corporate Body of the Buddha Educational Foundation. 2000.

Sobre o autor:

Deyve Redyson é doutor em Filosofia e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba.

E-mail: dredyson@gmail.com

¹⁶ DALAI LAMA. *O Despertar da visão da sabedoria*. Brasília. Teosófica, 1999, p. 101-104 e DALAI LAMA. *O Livro de Ouro da Felicidade*. Rio de Janeiro. Agir/Ediouro. 2003, p. 9.